

MISCELÂNEA CÉLTICA

por Higinio Martins Esteves

TOPONÍMIA

Etimologia de *Escócia*

ANTROPONÍMIA

Etimologia de *Bráulio*

Etimologia de *Lugris*

SEMÂNTICA

“De pés a cabeça” ou “de cabo a rabo”?

Cabo “fim; corda; chefe, grau militar; entrada de terra no mar”,

Finisterre, capa, pé “princípio” e “caule; planta”

UM VELHO HÍBRIDO

Donde *cafua* e *cafurna*?

Etimologias de *cafua, cafualha, gafua, bafua,*

foia, foio, fojo, cafurna, furna, cala e *Califórnia*

(e as já conhecidas de *Galiza, Portugal* e Vila Nova de *Gaia*)

NA BUSCA DOS CELTISMOS AGACHADOS

Etimologias de

barda

bisbarra

bode e *godalho*

esquerda

frouma

leiva

maragota

mata, mato e *matilha*

rata e *rato*

sarna

teima

touça

ETIMOLOGIA DE ESCÓCIA

O étimo de **Escócia** declaram-no ignoto. O gaélico antigo *scot* “irlandês” (pl. *scuit*, dativo pl. *scottaib*) vem do baixo-latim *scottus* ou *scotus* (circa 400). De *scottus* são o inglês *scot* [skòt], alto alem. ant. *scotto* (al. *Schotte*), neerl. médio *Schotte*, mod. *Schot*. E cast. *escueto* e gal.-port. *escoteiro* (< **scottariu-*), cf. Coromines (DCE CeH, *escueto*). Esse baixo-latim não tem étimo conhecido. Antes e depois do *scottus* popular, a forma mais frequente nos textos escritos era *scōtus*, donde o ant. fr. *escot* e o it. *scoto*. Qual a causa de tal alternância?

A língua original parece ter tido dificuldades para verter-se ao baixo-latim. O latim oral do séc. I d.C. não distinguia vogais longas de breves, e substituía tal oposição com o timbre fechado das que foram longas e com o aberto das breves. *Scottus* e *scōtus* são dous intentos por refletir um O longo aberto não latino. *Scōtus* tinha o obice do O longo latino fechado. *Scottus* evitava-o pelo O breve latino (de timbre aberto); o T geminado alongava a sílaba, logrando equivalência acústica com a vogal longa que suspeito no original.

Com efeito, vejo aí o étimo ***SKŌTU-**, de Ō aberto. Como explicá-lo? Onde virá? *Scottus-scōtus* no primeiro milênio designava os irlandeses. Só depois foi atribuído aos caledónios, trás a vinda dos irlandeses fundadores do reino de Dál Riata, que trouxeram para Escócia a língua gaélica arredor do ano 500. O vocábulo *Scottus-scōtus* nasceria na Britânia bilíngue celto-latina, que de muito atrás sofria assaltos dos irlandeses pela costa leste. Brevemente, nasceria no céltico britânico, e dele passaria ao latim local, deste ao latim continental e às línguas germânicas.

Os empréstimos datam-se entre o séc. I d.C. e arredores do 400, o tempo das primeiras documentações. Desde o séc. I, o britano virara o Ā céltico em Ō aberto. Há uma palavra céltica desse perfil? Justamente ***SKŌTO-** era a forma britânica antiga de ***SKĀTON**, étimo dos gaél. *scáth*, galês *ysgawd*, córn. antigo *scod*, bretão antigo *scot* e moderno *skeud*. O Ā longo do célt. ***SKĀTON** vem do indo-europeu Ō, diverso do O breve das vozes aparentadas das outras línguas indo-europeias (gr. σκότος “escuri-dão”, gót. *skadus*, ingl. *shadow*).

Gaél. *scáth*, galês *ysgawd*, córnico *scod*, bretão *scot* e *skeud*, todos eles, além de ser “sombra”, significam metaforicamente “fantasma”. Os piratas pagãos da Irlanda, hirsutos irmãos dos britanos semi-romanizados e já cristãos, eram por estes qualificados de “sombras, fantasmas” pelo arrepiante das suas acometidas, ou talvez pela tintura de guerra que ainda usavam, tal qual eles mesmos anos atrás.

BRÁULIO

Eis um enigma antroponímico. Apesar do vago perfil latino ou germânico, não é destes domínios. Nem da Itália nem dos vizinhos, inclusive Catalunha e Aragão. É só do velho reino de Leão, isto é, da Galécia medieval. Germânico não é, como crê Gutierre Tibon, que o tira de *Brandila*, o que é foneticamente impossível. Frequente e geral em galego-português, do leonês passou ao castelhano, onde é americano e filipino.

Documentação antiga e variantes formais

Em *Orígenes del español*, § 60, M. Pidal cita documentação medieval, do Reino de Leão. Há nesses casos um curioso BO interno, que M. Pidal chama de anti-hiático: 944 *Brabolio*, patronímico *Braboliz*, 1097 *Brabolio*. Qual no castelhano ant. *Burraca*, por *Urraca*, aí BO/BU é grafia do uau, fonema ausente nos romances, mas vivo no misterioso céltico final, no cabo do 1º milénio. As datas 944 e 1097 notam justo o fi-nal do sistema linguístico céltico da cornija cantábrica. Se nem latino nem germânico, é no céltico onde cumpre buscar.

Bráulio, na forma atual, deve ser de tradição (semi)erudita, não popular de todo. Diz Flórez na *España Sagrada* (e repete M. Pidal) no baixo-latim o nome se declinar *Braulio*, *Braulionis*. Logo era tema em nasal. Ao perder-se a língua que o cunhara, a frequência de nominativo-vocativo decretou a perda do **Brauliom* ou **Braulhom*, que é o eco românico do acusativo latino. O eco popular existiu: no guia telefónico de Buenos Aires (2001) há um *Luis N. Braullón*, que creio de origem galega ou leonesa. Uma consulta breve na Rede dos guias telefónicos do estado espanhol não revelou outros testemunhos, o que lamento.

*Brauniū, Braunionos

Proponho o célt. ***BRAUNIŪ, BRAUNIONOS**, que ao passar ao baixo-latim dissimilou em regra em L o primeiro N a causa do segundo, dando *Braulio*, *Braulionis*. Que significava? O tema ***BRAUNION-** contém ***BRAUN-** e o sufixo de pertença **-ION-**. Que é **BRAUN-**? No *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien* de Vendryes vemos ser o étimo do gaél. ant. *brao*, g. *broon* “mó, moinho de mão”. ***BRAUNIŪ, BRAUNIONOS** logo era “moleiro, o do moinho”. Com gal. *breuan*, córn. *brou* e bret. *breo*, vêm do célt. ***BRĀWŪ, BRĀUNOS** e este do indo-europeu ***gr^wāwō, gr^wawnos** (em autores mais recentes ***g^wreH_auon**). À margem da reconstrução indo-europeia, a forma pan-céltica vai com o scr. *grāvan* “mó ou pedra para premer o soma”, arm. *erkan* “mó”, gót. *-q^uairnus* (*asilu-q^uairnus* “moinho de asno”), ant. isl. *kvern*, anglo-sax. *cwearn*, ingl. *quern*, hol. *kweern*, ant.alto alem. *quirn(a)*, lit. *gìrnos*, ant. eslavo *žrŭny*, russo *zhernov*, polaco *żarna*, tocário B *kärwenne*.

Semântica

Difícil é imaginar, não impossível, por que caminhos o apelativo “moleiro” cobrou prestígio para virar antroponímico, além do nome de família **Braulhom-Braullón*, cujo rasto enxergo. Talvez fosse semelhante ao ferreiro, julgado poderoso mago em muitas culturas. Mas talvez a chave do nome deva buscar-se na ideologia social que descobriu Dumézil; seria eco e representação da terceira função, a do povo produtor de riqueza, tal qual *Garcia* evocava a 1ª e *Ordonho* a 2ª. Mais uma vez produz-nos surpresa maravilhada debruçar-nos naquele remoto mundo, sempre tão longe e a par tão perto de nós.

LUGRIS

O amigo Monte-Rosso Devesa é quem mais sabe de linhagens e nomes de família galegos. Numa palestra brilhante que brindou na última viagem a Buenos Aires, de passo opinou o nome de família *Lugris* (v. g. do poeta e dramaturgo de Sada Manuel Lugris Freire) ser de origem “britânica”, céltica insular. Sem vagar para falá-lo então, por correio pedi precisões. Informou-me ser sobrenome galego exclusivo da Corunha, dantes só achado nas paróquias de Serantes e Maianca, concelho de Oleiros. Nos registos eclesiásticos locais (desde 1614), o primeiro dado é de 1647: *Domingos de Logris* casa em Serantes, sem assinalar os pais. Em Serantes também, oito anos depois, em 1655, casa *Antónia de Logris*, filha de Gonçalo e Maria Gómez. Este Gonçalo, que nasceria entre 1600 e 1610, seria o *Lugris-Logris* mais antigo conhecido. Ora bem, o nome local implica ter nascido na Galiza. Se os antepassados vieram de fora, seria ao menos uma geração antes. Monte-Rosso crê descenderem de um marujo ou soldado de Francis Drake, desertado em maio de 1589, quando atacada a Corunha. Bem que de obscura prova, é bem possível. Deve computar-se o ambiente religioso da época; a não ser católico a custo fora recebido da população local. Continua a informar Monte-Rosso as grafias do nome variar: *Logris*, *Lugriys* e o atual *Lugris*, no que o U é óbvia metafonia do I tónico. Na pesquisa rápida que fez chegou a vinculá-lo com o topónimo *Loughrea*, nome em ortografia inglesa de uma vila irlandesa sita ao sul da província de Connacht.

Por que o -S final?

A maioria dos apelidos galegos oxítonos em -I tónico acabam em sibilante, -S ou -Z, que soam igual. Entram aí os *Moniz*, *Estraviz-Estravis*, *Eiris*, *Solis*, *Roiz*, e tantos sobrenomes de origem toponímica germânica em -riz (*Esmoriz*, *Baldariz*, *Escariz*, *Gomariz*, *Romariz*, etc.). Uns poucos acabam em -il (*Adail*, *Gil* e os de origem germânica em -mil) ou -im (*Bogarim*, *Landim*, *Machim*, *Lugim*, *Padim*, *Marim*...). Em final absoluto, galegos autóctones em -I não há.

O **Logri* original tomaria o -S geral dos topónimos mais frequentes, dando *Logris* e depois *Lugris*. Tomaria também -L ou -M? É; no primeiro caso, cf. as leis de Grammont, **Logril* dissimilaria em **Logrim*, convergindo com um hipotético **Logrim* original. Quer por **Logril* > *Logrim*, quer por um **Logrim* direto, cabe supor um atual *Lugrim*. Justo no guia telefónico de Buenos Aires há três *Lugrin* (sic). Contactei uma dessas pessoas e confirmaram-me que o pai procedia da Corunha.

Loch Rígh

Monte-Rosso pensa no *Loughrea* de Galway (Gaillimh), Connacht, o que é bem possível. Parece duplicar outro topónimo mais importante, o também anglicizado *Lough Ree*, que soa igual, lago central da Irlanda, entre os condados de Roscommon (Ros Comáin), Longford (Longfort) e Westmeath (An Iarmhí), que é linde de Connacht com Leinster. Não é nome de vila; logo podem conciliar-se as duas locações. Aquela duplica esta e dá o nome de família. Tanto *Loughrea* quanto *Lough Ree* são o gaélico *Loch Rígh* “Lago do Rei” ou “Lago de Rei”, que foi o céltico antigo *LOKU RĪGOS. Compare-se os galegos *Castro-de-Rei*, *Outeiro-de-Rei* ou *Palas-de-Rei*.

O gaél. **Loch Rígh** soa [loxrī']. Entrado no galego em tempo sem *gheada* (apesar das fantasias de Zamora Vicente), passaria a realizar-se com os fonemas locais mais próximos.

Em vez da fricativa velar surda gaélica, pronunciariam [loyri'] com fricativa velar sonora, talvez mui posterior, quase uvular.

A chegada de *Loch-Rígh* só pode supor-se linguisticamente. *Loch Rígh* pode ser de qualquer período gaélico: velho, médio ou moderno. O velho começa pelo 700 d.C., mas é forte a pressão estrangeira a partir do século XI. A grafia *Logris*, com O, de qualquer jeito, não deixa muito espaço, porque a metafoia galega é forte e sempre operante. Ficamos sempre no séc. XVI.

O embaixador da Irlanda Art ó Gnimh (A. Agnew)

Quanta história sumida! Maravilha é que torne a surgir. Cumpriria discernir quando chegou o verossímil irlandês de nome *Loch-Rígh*. O ano 1589 é cronologicamente congruente, mas culturalmente difícil. Lembre-se o formigar inúmero de insulares perseguidos vindos na procura de reforços, sempre na esperança de expulsar os invasores. O tempo apagou-lhe as memórias, qual a de tantos de momento vencidos. Não nos O'Donnell (Ó Domhnaill) de Buenos Aires, que muitos creem vindos diretamente de Erim. O proteico Pacho O'Donnell (psicanalista, político e historiador) tem repetido que os seus antepassados imediatos são galegos, da Corunha, donde vieram antes do início do séc. XIX. Em 1806 um deles integrou o Terço de Galegos que combateu as invasões inglesas.

Tantos são que valeria estudá-los. Houve (cito na grafia usual) O'Brien, O'Callaghan ou Callahan, O' Connor, O'Donohu, os O'Neill de Maiorca, O'Reilly e um longo etcétera que não desenvolverei. Terem chegado por Galiza pode explicar-se pela situação fronteira, mas assim não se computa a tradição –certa ou não aqui pouco dá– segundo a qual os goidélicos (“os Filhos de Míl[id]”) provinham da Galiza (dos arredores da Torre de Bregon, quer dizer, da Corunha-Brigantium). Para eles era como retornar à pátria mãe. Abrigada na península só pelos galegos da Cova Céltica, ridicularizada depois pelos seus inimigos, pasmosamente hoje reverdece para o meu assombro nos historiadores irlandeses.

Em 1997 tive a primeira notícia num ato céltico em Buenos Aires ao que convidaram o embaixador da Irlanda, Art ó Gnimh (Agnew), único gaelicófono nativo dos diplomatas irlandeses que conheci. Não sei se por diplomata, referiu-me então o ressurgir dessa tradição ora com roupa científica. Não soube que pensar. Tempo depois, li o arqueólogo irlandês Peter Harbison reproduzir opiniões do seu colega britânico Christopher Hawkes, publicadas nas Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1971. Pondo a limpo, parece que estes arqueólogos pensam nas três últimas décadas do séc. I a.C. Os goidélicos, última invasão estimada identitária, seriam calaicos expulsos pela pressão da coluna ocidental de César Augusto na guerra contra calaicos e cântabros. A coluna ocidental, com arraial em Braga, foi contra Bergidum e Mons Vindius ocidental e contra o monte Medúlio. As características horrorosas dessa guerra, quase de extermínio, explicam bem que os que podiam escapassem por mar, em cabotagem, e que formigando chegassem ao Munster, em condições para instalar-se e prevalecer, como depois fariam os normandos, mas em número bastante para que os irlandeses se sentissem representados por eles.

Estes apontamentos não têm em conta as aportações da genética nos últimos anos, que apontam para uma afinidade desde os começos do neolítico, no que agora não entramos.

“DE PÉS A CABEÇA” OU “DE CABO A RABO”?

(*cabo* “fim”, “corda”, “grau militar; chefe” e “entrada de terra no mar”,
Finisterrae, capa, pé “princípio”, *pé* “caule; planta”)

Cabo ilustra o substrato. Vem do lat. vulg. **capu, capi* (por *caput, capitis*), mesmo *cabo* “corda” (Coromines). O valor românico básico é “fim, extremo final”. Por que uma voz que em latim era “cabeça” em românico passou a “fim”, sem no latim se ver o elo que o explique? Certo que a cabeça é extremo da pessoa, e daí pouco resta para atribuir-lhe condição de ponto final. Mas o que o latim mostra são derivações opostas: “fonte”, “origem”, “princípio”. Mesmo “chefe” não acorda com “fim”, sim com “princípio”, cf. *príncipe*. Dos valores latinos vem *cabo* “grau militar; chefe” e a locução *de cabo a rabo*, onde *cabo* é “cabeça”, e também “princípio” (“de princípio a fim; de extremo inicial a extremo final”). É estrutura de ideias latina. Em latim não há jeito de sair daí sem forçar os dados.

Mais comum é o inverso: *cabo* “extremo final, fim”, de grã família: *cabal* “completo; que chega ao fim, acabado, perfeito”; *acabar* “completar, finalizar, aperfeiçoar”; e outros. Não é novo (mas pouco sublinhado) que tal estrutura vem do substrato céltico. O célt. *K^WENNOS-PENNOS “cabeça” era também “fim, extremo final”, cf. o gaulês *Pennelocos*, no fim do lago de Genebra: é o célt. *PENNO-LOKOUS “fim do lago”. O irlandês *ceann* ainda é “cabeça” e “fim”, como o galês *pen*.

Não acaba. Além de “fim” e “cabeça, chefe”, *cabo* é o acidente geográfico, uma entrada da terra no mar. Aí tem-se visto o sentido direto latino: “cabeça de terra”, sem deixar-se de sentir o valor “extremo”. Não sei como não se captou a precisa noção envolvida, constante nas línguas neocélticas. *Cabo* “acidente geográfico” diz-se em irlandês *ceann tíre*, em galês *pen tir*, e assim foi em corno (na Cornualha *Pentire Point*). Qual a aceção envolvida? Vemo-lo nas traduções latinas, a revelar a aceção de *ceann-pen*: FINIS TERRAE! Mas os Finisterres são mais que puros cabos. Foram sacros desde o sentido simples? Ostentam o valor já antes existente? Talvez isto. A numinosidade do Fim do Mundo atlântico era parte inescusável dos cabos.

**Capu* explica o enigma de *capa*, do vulg. *cappa*, como vira Ernout. Pasma não ter-se-lhe dado mais atenção. É forma hipocorística (daí a geminação expressiva) do feminino de **capu*. **Capa* não apresenta dificuldades morfológicas. *Cappa* fora “cabecinha” ou “a parte pequena superior”. Lembre-se a *capa* dantes ter sido “capuz; roupa que cobre cabeça e ombros”. Só mais tarde foi a roupa longa. Da antiguidade latina do vulg. *cappa* testemunha **excappāre*, comum a toda a România, donde é *escapar*. Descreio haver aqui um celtismo. É sim exemplo interessante dos jeitos de derivação no latim vulgar. Interessa ver mais uma vez a função hipocorística da geminação, ainda no latim imperial.

É notável o viço da estrutura semântica de *cabo* “fim”. Viu-se a estrutura sobrancear a latina, também presente. *De pés a cabeça* responde à primeira; *de cabo a rabo* à segunda. Confronto similar há em castelhano, mas aqui o balanço é inverso. O castelhano *cabo* é um pouco mais arcaico, e *al fin* mais frequente do que *al cabo*.

Enfim, uma noção complementar. Do sentido céltico aderido ao vulg. **capu* vêm para *pede-* valores inversamente proporcionais. Daí *pé* “princípio, início”. O princípio cresce, ao invés do que acaba, daí também a amplificação do valor “sustento, coluna”, já latino, mas que na nossa língua progrediu ao ponto de levar rapidamente o *pé* dos vegetais para “caule”, e por sinédoque mesmo para “planta”.

DONDE VÊM CAFUA E CAFURNA?

(*cafua, cafualha, gafua, bafua, foia, foio, fojo, cafurna, furna, cala, Califórnia*)

Etimologia de cafua.

Ter nado em Buenos Aires fez-me ver que *cafua* era irmão genético do castelhano *calabozo*, donde por sua vez *calabouço*. É que na gíria portenha ou *lunfardo*, quer por via do Brasil, quer pela vasta imigração galega, *cafua* é um dos mais viçosos sinóni-mos de *cadeia* ou *prisão*. No falar portenho documenta-se desde 1898, num sainete, *Gabino el mayoral* de Enrique García Velloso,. Talvez pelo conteúdo próprio não passou para a língua comum e, bem que conhecido, mantém o saibo carcerário.

Alguns eruditos dão-lhe origem africana a causa da semelhança de *cafundó* e *cafuné*, palavras de significados diversos. Se alguma vez coincidem, tratar-se-á de gravitação das palavras africanas para *cafua*. Já Machado vira que tem de ser voz antiga na língua.

O primeiro testemunho é de Moraes (séc. XVIII). Significa aí “antro, cova, esconderijo; habitação mísera, choça; prisão” e no Brasil “quarto escuro para castigo de colegiais”. Na Galiza domina uma aceção material e arcaica: “choça de torrões e palha no monte ou longe das casas” (variantes *cafuga* e *cafugo*, de G anti-hiático ou ultracorreto). Há derivados: *cafualha* e *cafualhada* “gentualha”, e flutuações *gafua* e *bafua* “cafua; gente desprezível” os dous; aquele cruzado com *gafo*, este com *bafo*.

O vínculo com *calabozo*? Lendo o artigo de Coromines no DCELC, lamentei *cafua* não ter sido incluída. Teria ajudado a dissipar dúvidas na questão das interferências entre lat. *fovea* e vulg. *FODIA ou *FODIUM. Cuido que *cafua* vem de *CALA FODIA, próximo do *CALAFODIUM suposto por Coromines para étimo de *calabozo*. O tratamento diferente do -F- tem de ver com o carácter analisável da voz antes de queda do -L-: o vulgar *CALA FODIA seria composto de CALA “abrigo, refúgio” e do adjetivo *FODIA “escavada”. Aquele é conhecida palavra da Europa ocidental, pré-romana, precéltica e pré-indo-europeia, que traspassou esses estádios e vive viçosa, mesmo nos nomes de Galiza e Portugal. O segundo, debatido, a meu ver é certo. Eis *foia* e *foio* “fojo para fazer carvão”, sentidos íntimos demais para viagens culturais.

*FODIA podia ser bissílabo ou trissílabo. O bissílabo masculino ou neutro deu *fojo*; o trissílabo isolado *FODIIA viria a ser *foia*. No sintagma *CALA FODIA, de *FODIA trissílabo (FODIIA), houve soldadura dos dous nomes trás acabar a sonorização e queda das oclusivas intervocálicas: *CALAFOIIA. Nesse momento produziu-se a bifurcação de -FOIA e FODIA isento. Neste durou o iode com abertura do O: *fòia*. Em composição esvaiu-seu o iode com absorção ou dissimilação vocálica, donde *CALAFUA, cf. *sua* e *ARTIONA- (*sua*, *Arçua*). Enfim, nos últimos séculos do anterior milénio dá-se a queda do -L- intervocálico e daí a emergência de um ainda não documentado *CAAFUA, donde o nosso *cafua*.

Vinculam-se cafua e cafurna?

Atina Machado ao intuir dubitativamente o nexu, cujo estudo adia. Aliás, Coromines junta resolutamente *furna* e *cafurna* (mas esquece *cafua*). Mostra *furna* não poder separar-se do leonês *fúrnia*, de igual valor. Este parece vir de *FORNIA, vulg. por *fornix* “arco, abóbada”, depois “túnel; penedo cavo; rocha socavada”. O nominativo feminino passaria a *fornis*, e este, como *Næbis-næbia*, passou a *FORNIA.

Ora, quando propúnhamos *CALA FODIA para étimo de *cafua*, vimos CALA ter devido subsistir como voz independente no primeiro milénio, antes da queda do L intervocálico. Nada obsta pois para imaginar um *CALA FORNIA “abrigo cavo, abobadado”. Também aqui o F- subsistiria pela consciência de composição.

Quanto ao sentido, cumpre lembrar que ainda hoje em galego vive o valor “socavão do mar nos alcantis”, que decerto também existiu em Portugal. Seria a aceção prevalente e uma das que ficaria a não ter minguado o corpo da palavra com a queda do -L-. *Cala* tem-se por castelhanismo. A existência dele em castelhano, em catalão, provençal e italiano, ajudaria à reinstalação do nosso *cala*, mas é verossímil que subsistisse memória letrada coalescendo com o comércio linguístico. Lembre-se *Portucale* e *Caladunum*. Coromines crê que *cala* pôde difundir-se desde Provença. Mas há muito testemunho na Callaecia antiga e românica da venerável palavra para subscrever essa opinião. O que quero dizer é que *cala* no sentido amplo de “abrigo” subsistia decerto no anterior milénio no nosso território. O que faz preferível *CALA FORNIA às outras hipóteses anteriormente emitidas sobre *cafurna*.

Mesmo a livresca *Califórnia* surgiria talvez da consciência erudita da origem de *CAA-FURNA ou *CAAFÚRNIA, com influência paretimológica de *calidus* e *furnus*.

Conclusões

Do fundo mais imo e a par esquecido, irrompe subitamente uma palavra que se tinha por recém-vinda da África. Nela palpita a palavra mais antiga que ainda jamais poderemos rastejar, CALA “refúgio, abrigo; lar; pátria”, ao cabo a raiz de Galiza e Portugal¹.

¹ KALLAIKIA > latim Gallaecia > Galiza.

*KALĀ > híbrido *Portu-CALA > lat. Portucalensis- > Portucale > Portugal.

*KALĀ > latim *Gala > (Vila Nova de) Gaia.

BARDA

**Bhardhā*:

Há pegadas do indo-europeu **bhardhā* “barba” no céltico hespérico? Em indo-europeu cumpre a cautela, mas aqui a hipótese parece certa. Todos os ramos europeus da família, fora o grego, têm ecos de **bhardhā*. É latino, germânico, báltico, eslavo e ilírio. Vejamos.

O **latim** *barba* vinha do itálico comum **farfā*, que deu **farbā* e depois se assimilou regressivamente. O italiano *farfecchie* “bigode”, de origem dialetal osco-umbro, apoia a reconstrução do itálico (Ernout-Meillet).

O **germânico** **barða* só continua no ramo ocidental. Eis anglo-saxónio *beard* e inglês *beard*, ant. frisio *berd*, ant. alto alem. *bart* e alem. *Bart*, neerl. médio *baert*, mod. *baard*. No nórdico há rastros, mas sem ecos atuais; o velho islandês *barda* era tanto “barba” quanto “machado”.

Em **báltico** foi o velho prussiano *bordus*, e vive no letão *bārda* e nos lituanos *barzdà* e *barzdótas* “barbudo”. No eslavo antigo foi *brada* e hoje é o russo *borodá*, polaco *broda*, servo-croata *brada*.

Em **ilírio**, língua pouco conhecida, há rastros bastante claros na antroponímia.

A ausência no **grego** pudera ter algo com o mistério de *παρθένος* “virgem”, cujo étimo **bhardhénos*, possível, não tem de momento explicação semântica. Talvez haja relação com a polissemia da palavra. É que, além de “barba”, em germânico e eslavo por vezes é “machado”. Conjetura-se os dous significados simbolizar a autoridade patriarcal. Além de **bhardhā*, a raiz envolvida seria **bher-* “ferver; surgir” (Pokorny 132-133).

Ora bem, existente em itálico, germânico, báltico, eslavo e ilírio, é muito difícil que a palavra não existisse no **céltico**, que com quase todos confinava. O primeiro a imaginar-se é um laço com o gaulês *bardos* “poeta ou cantor”, que logo seria o “barbas” ou “barbudo”. Mas parece ser uma miragem: os celtistas Pokorny e Jones dão outra origem a essa palavra: **g^wṛ-dho-* ou ***g^wṛ²-dho-* “o que louva”, e Campanile põe **g^wṛ-dhes* “o que oferece cantos de louvor” (**dhē-* “pôr” e a raiz **g^wer²-* “louvar [em voz alta]”).

O hispânico *barda*

É dos três romanços hespéricos, do gascão, de parte do Languadoque e do sardo, matizada no sentido. Sempre é sebe ou cerca rústica com a vedação de ramos ou silvas enlaçados. Já sebe viva, já artificial, já cobertura alta duma taipa. Em português prima a aceção “cerca de ramos e silvas”. O castelhano antepõe a de “coberta sobre as taipas”. Em catalão predomina “barreira portátil para guardar o gado”. Em toda a parte há aceções a devassar as primeiras. E metafóricas: na Patagónia dizem *barda* à ladeira alcantilada ou barrancosa.

Gamillscheg atinou ao unir o gascão *barta* “soutinho emaranhado, silveira”, que é uma ultracorreção de *barda*, pelo pendor dessa língua a sonorizar oclusivas trás nasal ou líquida. Mas enredou-se tirando-o dum célt. **WRAD-*, baseado no galês *gwraidd* “tronco, raiz”. Não o explica fonética nem semanticamente, como diz Coromines. Rohlf cria ser *barra* com a evolução -*RR-* > -*RD-* que se verifica em palavras pré-romanas. Aqui o que falha, a meu ver, é a etimologia de *barra*, que é outro, e parcialmente também a semântica.

Poucos caminhos há na pesquisa. A gramática histórica pode conjeturar o étimo, o célt. **BARDĀ* “barba”, mas só na semântica atingirá verossimilhança. Daí Coromines recusar

uni-lo a *albarda*, de origem árabe, opinião pela qual Müller antepunha a aceção “coberta”. Talvez devamos reconduzir a busca para os documentos da nossa língua.

Duas palavras poderiam brindar-nos luz:

a) ***Gilbarbeira*** (*Ruscus aculeatus*) é uma planta liliácea ornamental, de caule verde escuro e folhas em ponta com bagas vermelhas, que em Portugal faz parte dos ornatos natalinos. Mas na arcaica Galiza à planta dizem-lhe de ***gilbarda***, ***gilbardeira*** (também *gilbarbeira*, mas menos). *Gilbarda* predomina em Ourense e *gilbardeira* em Ponte-Vedra. Em latim era *Jovis barba*, donde também o francês *joubarbe*.

Coromines viu a refração. Supôs um curso geral **juisbarba* > **gizbarba* > **girbarba* e com dissimilação *gilbarba*. E para explicar o -D-, imaginou *gilbarba* cruzar-se com *barda* ou *albarda*. Mas, qual a razão semântica do cruzamento? Na verdade, há razões encontradas. Por ter puas e ter-se usado para guardar a carne dos ratos, o cruzamento secundário com *barda* “cerca” é plausível, cf. o nome italiano da planta, *pungitopo*. Mas também é certo que aqui por vez primeira há um vínculo explícito entre *barba* e *barda*, com equivalência para os galegos. *Barba* é mais frequente que *barda* para supor um deslocamento obrigado.

b) ***Bardo***: No português comum *bardo* é sinónimo de *barda*, que também vale “barba”. O sentido primeiro é “cerca”, com a nota essencial de “emaranhada”, mas também significa “barba”. A mera proximidade fónica não pode justificar o trânsito. É uma refração mínima, quase subliminal, que pode decerto passar inadvertida ou supor-se trivial.

O céltico *BARDĀ no contexto românico

Podemos continuar complicando-nos a vida, tentando dar com uma explicação difícil para o que tem resposta fácil. Nesta altura, cuido mais produtivo propor a hipótese de “*barda*, eco longe do célt. *BARDĀ”. É interessante porque talvez nos permita deitar uma olhadela na avaliação que as barbas mereciam no tempo do céltico final.

No original “sebe de silvas”, vejo duas notas essenciais. Em “sebe, cerca” há a noção de “linde, vedação marginal”; em “silva”, a condição de “vegetal selvagem, espinhento e hostil”. Doutra jeito, o sentido básico é “vedação de silva, planta pungente e emaranhada”.

Aliás, o plural latino *barbas* já é aplicado com grã frequência aos filamentos vegetais e animais: as *barbas* do milho, as *barbas* das penas, as *barbas* das espigas. O peixe *barbo*, o *barbalho* ou raiz filamentosa. A ideia das *barbas* como não civilizadas nem humanas seria romana: *barbam hominum, barbas pecudum dicimus*.

A forma céltica pode estar presente também no lat. *bardana* (*Lappa tomentosa*), planta que recebe também os nomes de *pegamassa*.

As barbas veriam-se como vegetação selvagem, símbolo da natureza, o “cru” de Levy-Strauss. Associariam barbas com desleixo, com sarilho emaranhado. A raiz desta valoração pode estar na influência romana, na que a rapa das barbas era símbolo de civilização. Algo assim deduz-se do fruto românico *grenha*, ant. *grenhom*, proveniente do célt. *GRANNIŪ, GRANNIONOS ou *GRENNIŪ, GRENNIONOS “pelo da cabeça ou cara”.

O CLÃ E A BISBARRA

(*bisbarra* “comarca”, *barra* “vara”, “baixio”, *barro* “argila”, *bairro* “sector urbano”, *bairro* “terra caliça”)

Coromines cria o galego *bisbarra* “comarca” de origem céltica e via-o composto de *barra* com outro nome incógnito ou com um prefixo, acerca dos quais formulou várias hipóteses.

Barra, de semântica complexa, a meu ver é o célt. BARRO- “alto” (**bhars-o-*), de vasta progénie. Como “(vara) alta”, “tranca para obstaculizar”, nota o valor original. De *barra* vem *barreira* “limite (feito de barras)”. *Barra* “baixio arenoso” foi “(areia) alta”. E *barro* “argila” alude aos lugares altos, verticais, donde se extrai, para evitar os alagamentos que a impermeabilidade dessa terra produz.

No séc. VIII, o árabe vulg. *bárri* “externo, exterior” interferiu *barra* (Coromines cria-o étimo de *bairro*). E também o advérbio árabe *barra* “afora”, “substantivado em Argélia com o valor de *campo* (em oposição à *vila*)”. Isso decerto influenciou, mesmo nas terras do Norte, pouco tempo dominadas. Do cruzamento, quase inextricável, testemunha *bairro* “parte da urbe”, como nota o outro *bairro* “terra caliça” (por *barro*).

O cruzamento é provável em *barra*, não em *bisbarra*, que é do torrão mais imo. A base deste será céltica pura e significará “território”, qualquer que seja o jeito em que tal valor se articule com o de “alto”. Haveria *barra* “altura; altura central” com o harmónico de “pendor”, e daí “circuito”. Os cursos possíveis são vários e escassas as bases documentais, mas ao cabo cabe recordar ser usual designar um território a partir dos limites: *comarca*, *contorno*, *arredores*, *distrito*. Benveniste provou o latim *regio*, antes que “território”, ter sido o “ponto atingido por uma linha *reta* traçada na terra ou no céu”. Além disso, a articulação dos sentidos “altura; altitude” com os de “profundidade” e “extensão” é conhecida e dispensa outras explicações.

Se em *-barra* retemos o valor de “território”, a questão do primeiro membro ou prefixo é menor. Pode ser um latinocéltico *vīcī barra* “território da aldeia”, mas parece melhor *WĒKE-BARRĀ, composto bimembre puramente céltico, similar ao *WĒKEBRIGAIKO(N) “dos dos castro do clã”, da inscrição de Rairiz de Veiga. Portanto teríamos um “território do clã”. A sequência evolutiva seria *WĒKE-BARRĀ > românico **vezebárra* > *bez'barra* > *bisbarra*, que foneticamente soa [bizbarra].

A proto-história da Galiza pega a desvendar-se. Eis justamente um dado interessante, sobretudo para as comarcas onde a palavra tem uso, como assinala Coromines.

O BODE E O GODALHO

Sigamos pelo caminho aberto pelo mestre Coromines ao unir os quase sinónimos *bode*, *godalho* (galego e nortenho) e *igüedo* (leonês), bem que *godalho*, antes que “bode”, seja “cabrito crescido”.

Quero notar aqui a probabilidade de virem do mesmo étimo céltico, já sugerido para o mês EQVOS do calendário de Coligny e para o irl. *Eochaid*, g. *Echdach*²: *EKWOTIS, de um indo-europeu **peku-potis* “senhor do gado”. Loth e Hubert criam o EQVOS calendar não aludir ao cavalo, mas ao bode, e ser transcrição imperfeita de *EKU-OT-S. Quanto a *Eochaid*, mostra incertezas na evolução, mas não é a peça fulcral do caso.

O indo-europeu **peku-potis* explica o scr. *pašupátih*. E *EKWOTI- é isso mesmo em céltico trás a queda do P indo-europeu. Vejamos como *EKWOTI- serve a unir esses nomes: em *bode* a sequência cronológica seria *EKWOTI- > **egwode* > **ewode* > *(*e*)*βode*. O tom fixou o uau, (depois passado a -B-), que se perdeu pelo deslocamento do tom no diminutivo **equot-āculu-*, híbrido celtolatino que deu *godalho*, através da fase **ecotaclu-*.

No leonês *igüedo*, depois castelhano, não seria ditongação, mas conservação do ditongo crescente com leve modulação do timbre da vogal tónica. Quanto à final, Coromines via provável o trânsito -*o* > -*e*. Mas cumpre lembrar a incerteza que se gerou na declinação céltica, mormente na atemática, ao topar com a latina. Assim *bode* guardará a base temática. O *igüedo* leonês e castelhano nota a confusão na passagem do céltico ao latim, pelo peso de acusativo e genitivo-ablativo célticos (*EKWOTAN e *EKWOTOS), de desinências de vogais abertas, que punham nos latinizantes a ideia de o vocábulo ser de tema vocálico.

O EQVOS de Coligny era quase fevereiro. No gaélico esse mês chamavam-no *oimelc*, deformação paretimológica do mais antigo *imbolc*. Por sua vez, *imbolc* (*AMBÍWOLKĀ “circum-purificação”) alude às purificações de fevereiro. O que aqui importa mais é a circunstância de o paretimológico *oimelc* ser composto de *oi* “ovelha, carneiro” (*OWIS) e *melg* “leite” (*MELGOS, MELGESOS), e que logo falava na lactância dos aninhos. Eis de novo o vínculo entre o mês de fevereiro e os rebanhos, o que reforça a hipótese de Hubert sobre EQVOS.

² Henri Hubert, *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène*, Paris, 1950, cap. III.

ESQUERDA

Coromines já se debruçara no étimo, mas sem ultrapassar o limiar dos corolários obrigados; tolhia-lho a vertigem e o dever de dar o seu tempo ao catalão. *Esquerdo*, *-a* vem do céltico final do norte hespérico *EXSKERRO-, adjetivo tirado do advér-bio *EXS-KERRĀS “vindo, proveniente, do lado da [mão] ruim”. É um étimo nítido, mas implica a existência de um céltico hespérico nos arredores do ano 1000, um arriscado facto a provar que parece irreal.

A ETIMOLOGIA BASCA

Com matizes, desde os inícios da linguística histórica, filia-se *esquerda* ao basco *ezker*. A opinião dura, em Coromines com a cautela destas palavras “probablemente procede de una lengua prerromana hispano-pirenaica”. A cautela nasce de *ezker* não ter uma etimologia no basco; os intentos por tirá-lo de *esku* “mão” dão em escolhos insalváveis: a) os derivados e compostos de *esku* sempre mantêm o *-u*; b) o basco não costuma confundir os fonemas sibilantes S e Z.

O último intento que conheço de explicar pelo basco é o de Tovar³. Contesta os reparos com casos raros que supostamente evadiriam os escolhos, mas tropeça na perda da sílaba final do seu étimo **esku-erdi* “meia mão”, que em basco não teria de perder-se. Ele crê ver essa sílaba no cabo dos cast. *izquierdo* e port. *esquerdo*. Mas as vozes afins das línguas que compartilhem o tipo não têm *-RD-*: cat. *esquerre*, *-a*; Languedoque *esquer*, *-a*; gascão *querr* ou *esquerr*. A respeito disto, cedo já no século XX, Blondheim, Meyer-Lübke, Rohlf s e o mesmo Coromines explicaram a mudança *-RR- > -RD-*, nesse sentido. Outras palavras pré-latinas há que o fazem: arag. *bardo*, de *barro*, e *churro*, *churdo* (melhor fora *xurro* e *xurdo*). Os étimos pré-romanos sempre são casos árduos, mas um latino vulgar bem rastejável, nota a mudança fonética: o de *cerda*, que todos aceitam vir do lat. vulg. *cirra*⁴.

A ETIMOLOGIA CÉLTICA NO DCELC

Coromines, no DCELC (de 1954), dizia na nota 8 *in fine* de *izquierdo*: “Pero tampoco la de *oker* [étimo *esku oker* de Mahn] es segura, pues cuesta verdaderamente creer que no haya relación entre *izquierdo-esquer(re)-querr* y el tipo céltico KERRO-: irl. med. *cerr* “izquierdo, torcido”, mod. *cearr* “left-handed, wrong”, gaél. *cearr* “wrong, awkward”, probablemente afín al lat. *cerritus* “demente”... “fácilmente podría concebirse que en hablas mezcladas de tipo celtibérico se formara el híbrido ESKU KERRO- > ESKERRO- y que pronunciándose éste con S céltica, de tipo predorsal, fuese reproducido como *ezkerr* (*z* vasca = *s* predorsal) al tomarlo en préstamo los vascos. De todos modos la falta de palatalización de la K neolatina nos obligaría a admitir que los romances no lo heredarían de su substrato iberocelta y lo tomarían del vasco; aun el aran. *querr* < célt. KERRO- habría debido pasar por un habla local vascoide. Proceso de transmisión complicado –celta + ibero-vasco > celtibérico > vasco > romance– aunque no inconcebible en una noción tan expuesta a interdicciones lingüísticas, que afectan más al material indígena que al importado.”

Eis o labirinto no que ficou, que fabricara ao alçar-se-lhe dous estorvos: a) a falta de palatalização da oclusiva, e b) a origem da sílaba *es-* acrescida. Seguiu atado à origem basca, ora mediata. Repito: *ezker* é palavra basca, mas tomada do céltico hespérico, por

³ *Difusión de la palabra vasca esker “izquierdo” y de su significado*, em *El Euskera y sus parientes*, Minotauro, Madrid, 1959.

⁴ O *-RR-* céltico em geral vinha de *-RS-*. Era *-RR-* geminado, não o múltiplo nosso: *-R* + fronteira silábica + *R* simples, que passa fácil para múltiplo ou para *-RD-*.

tanto tempo língua franca dos bascos para comunicar-se com os vizinhos.⁵ E as palavras afins dos romances vizinhos não provêm do basco, mas diretamente dos restos de céltico subsistentes nos últimos séculos do primeiro milénio cristão.

NOVIDADES NO SUBSTRATO HESPÉRICO

Surge a pasmosa história do céltico hespérico. Invisível antes, agora sabemos que durou até os arredores do ano mil nos montanhese iletrados da cornija cantábrica e nos da montanha pirenaica (aí como língua franca popular), e ainda algo mais nalguns cantos montanhese, como nos Ancares. A etimologia de *Orraca* veio pôr data certa ao final da língua desses montanhese e sobretudo mostrou essa língua ter uma fonologia radicalmente diversa da românica. Possuía o grupo inicial WR-, ausente da fonologia de sistemas vizinhos. Ora bem, se o célt. KERRO- forneceu o núcleo da palavra, por que seria obrigado ser basca a sílaba precedente? Por que não buscar elemento congruente com KERRO-? Esse elemento será a preposição célt. EXS, de ablativo, cf. lat. *ex*.

O étimo reconstruído *EXS-KERRĀS valeria “proveniente da [mão] ruim, estropiada”. A preposição nota o modificado ser um substantivo. Sabe-se *KERRO- ser adjetivo; logo devemos supor um passo anterior, um feminino substantivado. É congruente imaginar que seria *[LĀMĀ] KERRĀ “(mão) ruim”.

DATAÇÃO

A falta de palatalização só nota que a passagem para as línguas românicas se deu depois do séc. VI, já concluído o processo. Não é preciso apelar aos últimos testemunhos datáveis do céltico, quase reduzidos a *Orraca*. Coromines põe aí a entrada de *izquierdo*: “El hecho pudo ocurrir en la época visigoda, cuando estaba ya cerrado el proceso de palatalización de la C^e, pero todavía no se había terminado la diptongación de la E abierta. La discrepancia entre la vocal tónica del cast. *izquierdo* y el arag. *esquerro* sugiere que el préstamo tendría lugar en fecha ya próxima al cierre de este proceso fonético.”

ALGO DA SEMÂNTICA DA BANDA ESQUERDA E CONCLUSÕES

A mão sinistra está sujeita a interdições e substituições e sempre se nomeia com palavras tomadas de línguas marginais (a origem do fenómeno está nos alicerces da cultura humana e aqui não veremos o fenómeno, que parte doutras disciplinas).

Daí pensar-se no basco; do céltico quase nada se sabia. Mas não é normal uma língua isolada (o basco) inçar um território tão vasto (toda a Ibéria, metade sul das Gálias). Ainda mais marginal (e a par mais esparso) era o céltico final, cuja marginalidade é patente pela circunstância de não ter chegado ao dia de hoje. Mas durou oculto o tempo suficiente para explicar a palavra que nos ocupa. O basco *ezker*, sem etimologia interna, vê-se agora ser outro celtismo dos tantos que aí se têm encontrado.

⁵ V. Pamplona y algunos misterios de su etimología, em Boletín de la Fundación Vasco Argentina “Juan de Garay”, nº 4, Buenos Aires, 1996, e em *As Tribos Calaicas*, Edições da Galiza, Barcelona, 2008.

FROUMA, TRUMA, ESTRUME

Outro grande contributo dos que brindava Coromines foi mostrar que o cat. *flumaire* “grã corrente” vinha de um pré-romano *SROUMA MAGENON, pelo previsível *FRŪMAGENO-, com haplologia e a passagem céltica e itálica de SR- para FR-, mais o influxo paretimológico do lat. *flumen*⁶. Coromines inclinava-se para a origem sorotáptica, indo-europeia pré-céltica na sua terminologia, mas no sintagma nada obsta à celticidade, fora seu contexto.

Pois bem, de *SROUMA decerto virá também o galego *frouma* “agulha de pinheiro seca ou caída”, que tem uma longa série de variantes, quase todas paretimológicas. Esse *SROUMA neutro, que queria dizer “o que flui ou cai”, é testemunha, na manutenção do ditongo, de o vocábulo ter passado diretamente de um dialeto pré-romano ao românico, sem passar pelo latim imperial, que teria reduzido o ditongo a -Ū- longo.

Além dessa variante, há uma derivação diferente nalguns dialetos célticos: bretão ant. *strum* “fluxo (de leite)”, com STR- de SR-, como em germânico. Doutra fala céltica ou do suevo virá a variante *truma* “frouma”, que Crespo Poço situa no Morrazo. Pode ser que tal *STRŪMA tenha caído confundido na família do lat. *sternere* no vocábulo *estrume*. Este é de *estrar*, mas onde vale “frouma”, em vez de “esterco” ou “cama de animal”, etc., talvez poderíamos falar de confusão. Conforme Crespo Pozo, é “frouma” em Poio e Porrinho.

⁶ Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1976, pp. 159 a 163.

LEIVA

Aceções e etimologia circulante

Os léxicos da língua comum definem *leiva*: “porção de terra entre dois sulcos”, “sulco do arado” ou “torrão”. Tais valores já os regista Morais no séc. XVI. No séc. XVII, o jesuíta Bento Pereira supôs-lhe o étimo **glēbea*, do lat. *glēba*⁷, ideia que chegou aos nossos dias. Eram épocas que só conheciam antiguidades latinas ou gregas. A resposta saciou a curiosidade e não sei que a pergunta se formulasse novamente.

Mas na Galiza e em Portugal (aqui como “pop.” ou “prov.”) os léxicos acrescentam a aceção “aduela”, a primeira a documentar-se, no séc. XIII. Vive no Norte de Portugal e os léxicos galegos registam esta e outras variantes. Cingir-me-ei aos dados galegos, que conheço melhor. Além do visto temos:

- a) “Aduela” em Feira Velha (Galez, Entrimo), Tavagão (o Roçal) e Goião (Tominho).
- b) “Tábua do solhado ou do teto, não muito grande” um pouco por todas as partes na Galiza.
- c) “Uma das relhas que leva a escampadeira ou escampeladeira” também em Tavagão.
- d) “Pequeno valado de terra, silvas e pedras que divide leiras”, em Beluso, Bueu.

O conjunto sugere um valor primitivo “tábua (levemente curvada)”, primeiro deslizado para “relha” e depois por metonímia “terra ou torrão que levanta a relha”. Neste ponto vê-se o processo que levou à paretimologia erudita que hoje domina. Se assim, o étimo latino não é possível e cumpre buscar alhures.

Outra hipótese etimológica

Um feliz concurso de estudos nos oferece a hipótese etimológica persuasiva. Hubschmied e Coromines estudaram muitos ecos românicos do célt. *SLEUDIĀ “zorra; trenó”, centro de controvérsia a respeito da data do início da lenição céltica. Dele há frutos que vêm de um *SLEUZA, e outros há que de *LEU(D)IA > *LEVIA. Quer dizer, de *SLEUDIĀ com lenições, quer no D, quer no S- inicial. Coromines diz: “...o tipo *SLEUDIĀ, que se estende da Gasconha ao Friul, e da Alta Itália e Provença à Bélgica (valão *sklûze*), documenta-se em glossas manuscritas ao menos desde o séc. IX, e hoje subsiste em bretão e em gaélico”⁸.

Se não me engano, o território estendeu-se para o oeste bem além da Gasconha, e abrangia ao menos o céltico calaico. A meu ver *leiva* vem do célt. *SLEUDIĀ, pelo processo *SLEUDIĀ [> *HLEUDIĀ > *LEUIĀ] > *LEVIA. Vejamos algo da extensão do tipo, a sua etimologia indo-europeia e depois a sua semântica.

Ecos reconhecidos

Na nota citada, Coromines cita estes: valão *sklûze*, grisão *schlieusa* (< *SLEUZA), Aveyron *leuso*, gascões *lébio*, *libio*, *lúbio* e bascos *lea*, *lega*, *lia*, *lña*, *lera* ou *liña* (< *LEVIA). O fr. *luge* f., do franco-provençal da Saboia e da Suíça, hoje tem nova e feliz vida nos desportos. Em 1398 é “trenó, zorra, para transportar madeira, feno ou pedras”. Em 1537 já é “trenó para deslizar-se pela neve”. A fins do séc. XIX teve a fortuna de difundir-se como “trenó desportivo no que o corredor vai supino e de pés para adiante”. Os dicionários usam uni-lo ao baixo-lat. *sludia*, vindo do “*gaulois slodia*”, mas na verdade faz parte do grupo de *LEVIA.

⁷ *Prosodia in vocabularium trilingue latinum, lusitanicum et hispanicum digesta*, de 1634.

⁸ Coromines, DCECeH, III, p. 599, 34-39 (*lata*, nota 3).

Etimologia indo-europeia de *SLEUDIĀ

*SLEUDIĀ é haplologia e síncope, quer de *SLĒD-WIDIĀ, cuja primeira parte é da raiz **sleidh-* “to slide; resvalar, deslizar-se” (Pokorny 960-61), quer de *SLEUG-WIDIĀ, da raiz **sleugh-* “id.” (Pokorny 964), mais frequente em germânico. A segunda parte vem do célt. *WIDUS “árvore; madeira”, do indo-europeu **widhu-* céltico e germânico. Daí o gaél. ant. *fid* e o galês *gwydd*. A síncope é como a de *Sabbaudia* “terra de abetos”, o nome antigo da Saboia, de *SABBAUDUS “abeto”, cujo -UDUS é síncope de *WIDUS.

Semântica de leiva

O significado profundo da palavra terá sido “madeira para deslizar-se, resvalar”. O que nos põe num mundo tecnicamente primitivo, anterior à roda e ao neolítico. As zorras, primitivos transportes por arrasto, duraram a par dos evoluídos veículos de rodas, acantoadas em zonas marginais onde aqueles não lhes disputavam o espaço, mas logo pegaram notas primitivas de escasso prestígio. O que explica a vaguidade e localismo dos testemunhos de *SLEUDIĀ. Como sói dar-se com as cousas velhas acantoadas, a sua pobreza de repente desapareceu no mundo urbano, transfigurada ao evocar-se subitamente os trenós de neve, os presentes de Natal e os desportos alpinos de inverno.

Na Galiza, atlântica e temperada, a neve é um episódio de significação cultural escassa. As zonas em que é presença forte, os Ancares ou o Courel, não têm suficiente peso para mudar o imaginário coletivo. As tábuas para o arrasto, curvadas de leve, usadas em mil pequenas tarefas, vieram ser metáfora fácil para os usos mais desenvolvidos que também usavam de tábuas de curva suave, como as aduelas dos barris, objetos mais importantes na economia, ou como as relhas dos arados primeiros, ou como as tábuas da construção, que nunca ficavam tão chãs quanto se queriam. As metáforas cristalizadas, esquecidas da origem na maior parte dos casos, especializaram-se no âmbito cultural mais próximo do lavrador, o utente da língua por excelência.

Corolário

Nos falares galegos há três palavras que cabe identificar como derivados de *leiva*. Primeiro temos *leivoa*, sinónimo no sentido de “torrão que levanta o arado”, recolhido por Elígio Ribas em Quireza, Cerdedo, comarca de Taveirós. Se o registo é fiel, é paroxítone com tom no O. Viria logo dum aumentativo latino, **leviōna*.

Depois há dous nomes de plantas, *leivorim* (*leiburin*) e *leivorinha* (*leiburiña*). Aquele é sinónimo de *terredo* (*agrostis durieui*) e a outra é uma gramínea (*alopecurus pratensis*) também conhecida como *rabo de raposa*. Esta metáfora talvez nos conduza.

Leivorinha é diminutivo de um **lêivora* não registado. **Lêivora* vai com os nomes de sufixo átono em -RO ou -RA, dos que *pícaro* é paradigma⁹. Logo terá existido o tema verbal *LEVIO- ou *LEVIA- “arrastar, deslizar”, aplicável ao rabo da raposa, que, como o mesmo nome *zorra* mostra, sempre foi imaginado como objeto arrastado.

⁹ É um caso complexo de substrato céltico, no que se misturam: 1º) a forma de um sufixo céltico de coletivos, átono e neutro segundo os ecos neocélticos (-RON), e 2º) o valor do pronome relativo indo-europeu, átono e enclítico também, que o céltico conservou (-IOS, -IĀ, -IOD). *Pícaro* tem o tema de *pícar* (igual à 3ª pess. do presente de indicativo, *pica*) e o sufixo *-ro*. *Pícar* é românico, mas estes nomes amiúde são abrigo de temas verbais célticos desaparecidos. *Braga* é talvez o gonzo. Como topónimo, BRĀKARĀ era um coletivo, de um povo que se autoqualificaria “que se calça”, em céltico *BRĀKA-IOS.

Longa e labiríntica perseguição da **MARAGOTA**

(*maragota, coto, cast. cueto, pescoço*)

1. A *maragota* (*labrus berggylta*, Ascanius) é peixe famoso na Galiza, entre outras razões, como alcunha dos antagonistas no mui popular romance *A Casa da Troia*. Não se lhe acha étimo. Que eu saiba, só António Santamarina o estuda¹⁰; declara-o de origem ignota, talvez pré-romana; cuida que nisto atina. Destaca-se-lhe a grã cabeça, os grossos lábios, as pintas (*pinto* é outro nome) e o morar nos litorais rochosos pouco fundos. Dessa descrição surge-me uma hipótese:

céltico MĀRĀ *KOTTĀ “grande cabeça” ou “grande beçada”.

MĀROS, MĀRĀ, MĀRON “grande” está claro em qualquer tratado. Daí são gaulês *maro-*, gaélico *mór*, ant. *már*, galês *mawr*, cón. médio *maur*, cón. *mur*, bret. *meur*.

2. *KOTTĀ é outro. Coromines no DCECeH estuda o cast. *cueto* “cabeço”. Ele duvidava do valor primeiro por entre nós coexistir os de “cabeço”, “nó dos dedos” e “resto de membro amputado”. Será o primeiro “cabeça” (e metafórico “cabeço”) e depois “beçada, focinho”, o que serve a integrar as diferenças de *coto*, cast. *cueto* e provençal *cota, coutet* “nuca”. Ele cria na origem expressiva, o que no remoto pode ser certo, mas antes no campo céltico há testemunhos:

a) Gaél. *cod*, g. *cuid*, “cabeça”. O dativo *cud* tem o sentido de “boca” (Vendryes). Lembre-se o gaélico nos finais não distinguir sonoras de surdas (*KOTO- ou *KODO-).

b) Mais frequente é o gaél. *coth*, genitivo *cuith*, “alimento”, nas Leis e nos glossários. Supõe uma dupla metonímia, “cabeça, focinho” > “boca” > “alimento” (*KOTTO-).

c) Há testes antigos: *Cottos* e *Cottius* em Amiano Marcelino e a tribo dos *Atecotti*. Ficam algo obscuros, mas os *Alpes Cottiae* (ou *Cottianae*) roboram as presunções.

d) Apesar de Coromines, *pescoço* também reforça a hipótese. O étimo **pós-coço*, vem decerto do híbrido *post-*KOTTIO-*. Aplicado antes a quadrúpedes, o sentido era obviamente “trás a cabeça”.

3. A complicação continua. T. F. O’Rahilly junta bem o gaél. *coth* “alimento” ao bret. *koz* “velho” e cón. médio *coth* “senex”, mas por via semântica frouxa. Como conciliar valores tãovários? Unir “velho”, “cabeça” e “cabeço”? Não desesperemos. Ante mundos distantes, cumpre pensar como eles: *Wörter und Sachen*. Eis que “velho e “cabeço” convergem.

4. Dumézil provara os antigos indo-europeus dividir tudo – e também os deuses– em três partes. Os deuses sábios e soberanos –1ª função– moravam nas águas superiores, acima da abóbada celeste, cúpula sólida a afastá-la das inferiores. Os fortes e guerreiros, –2ª– tinham a atmosfera, espaço abrangido entre a abóbada e a tona da terra. Os da 3ª, produtores de riqueza, eram da terra. Os das 1ª e 2ª, hegemónicas, eram qualificados de “velhos”, sem conotações negativas (ainda hoje a Mãe Terra do folclore é a *Velha*). Os da 3ª, às avessas, submetiam-se àqueles e recebiam o de “moços”, cf. os Nasatya védicos. “Velho” logo era “senhor”, sem eiva biológica por serem eternamente louçãos. “Moço” era rigorosamente

¹⁰ Etimologias do livro de M^a do Carmo Rios Panisse, *Nomenclatura de la flora y fauna marítimas de Galicia*, I inverte-brados y peces, Anexo 7 de Verba, Anuário galego de Filologia, Santiago, 1977, p. 329.

“servidor, submetido”, o que era visível nos nomes de “escravo” e mesmo hoje nos de “servidor”, todos adjetivos de mocidade.

5. Havia vínculo sistemático entre o deus principal da 2ª função (Táranis entre os celtas) e os montes, que faziam parte do âmbito da atmosfera, aí onde trovões, lampos, raios e fortes ventos travam a batalha dos elementos. Celtas e germanos guardavam as estruturas míticas e teológicas, entanto que entre gregos e latinos o deus da 1ª se apossara do lampo. Na Galiza romana, os montes notam pegadas do culto de Júpiter e de Marte, isto é, das duas possíveis *interpretationes* de Táranis. Na Galiza inda hoje chamam de *velhão*, quer dizer, “Grã Velho”, à chuva torrencial com saraiva, o que vai com a crença dos lavradores germânicos, que lhe atribuíam a **Punraz* (Thórr, Donar) o fenómeno da chuva sem ser ele o deus da fecundidade. Outro eco de Táranis é o nome do *Arco-da-Velha*. No folclore galego o *Arco* é o consorte da *Velha*, que o povo caracteriza de lúbrico:

Arco-da-Velha, vai-te daí!
As nenas bonitas não são para ti.

“Velho” era logo corriqueira designação de qualquer **cabeço**, outeiro ou monte, numa geografia que, como a nossa, andava saturada de constantes referências religiosas.

MATA, MATO e MATILHA

Etimologia importante no campo hispano é a de *mata*, *mato* e *matilha*. Coromines (DCECeH, *mata*) aceita a segunda opinião de Meyer-Lübke, que antes lhes dera étimo pré-romano e depois preferiu o lat. *matta* “esteira” de étimo púnico, afim do hebreu *mittah* “cobertor, manta”. Os génios aí descansaram. É família léxica viçosa em galego-português, onde tem aceções mais antigas e mais derivados.

É hispânica e do sul da Itália, distribuição que confundiu. Coromines notou em toda a parte terem sido coletivos nos primeiros documentos, medievais, mesmo na Itália: “grupo de árvores, pessoas ou animais”. Ainda hoje *ser mato* é “haver em abundância; ser grande, bom golpe”. Tal valor tolhe semanticamente a hipótese púnica; seria metáfora insólita em vozes do torrão e só descansa nas aceções modernas do castelhano.

Na Hispânia cumpre partir do céltico, e na Itália do osco. As duas línguas tinham vozes da raiz indo-europeia **mā-* “bom”, com acréscimos em -T, cf. gaél. *maith*, de **MATI-*, e gaulês *MAT-* (calend. de Coligny: *MATIS* abreviado), que qualifica os dias fastos. O osco tinha o dativo plural *maatúis*. O latim só tinha *mānis* “bom”, e em -T- só derivados, como por caso *mātūrus* “em sação, em tempo propício”.

Do céltico não só era *MATI-*, também *MATU-*, e *MATO-* na antroponímia (por caso, no nome hispanocelta de mulher *Admata* “muito boa”). Quanto à geminação que deve pôr-se no étimo, era o recurso expressivo e afetivo das línguas indo-europeias antigas. Portanto, ao cabo temos aqui a locução

***MATTĀ ([RĪMĀ] WIDWON)**

“boa ([quantia] de árvores)”, ou

***MATTĀ ([RĪMĀ] WIRON)**

“bom ([número] de homens)”

ou similares, com elisões também expressivas.

Matilha “grupo de cães de caça” nada tem logo de castelhanismo, apesar da aspecto de diminutivo castelhano (*Aí matilla* não existe; só *jauría*). O primeiro documento (séc. XIV) fala num topónimo. Cumpre pôr-lhe o étimo **MATTILIA*, derivado adjetivo do diminutivo feminino céltico **MATTĪLĀ* “boinha [quantia de cães]”. Acumular derivações guardando o significado básico é próprio do falar barrocamemente expressivo do sul europeu. A base não é tão hipotética; documenta-se o antroponímico hispânico *Mattilicus*, que, bem que não lhe possamos imaginar o significado preciso, não anda estruturalmente longe.

RATO E RATA, ETIMOLOGIA DESESPERADA?

Estado da questão

Coromines¹¹ mostrou *rato* não ter etimologias persuasivas. E julgou inverossímil a opinião de Thurneysen duma possível origem gaulesa (céltica continental), que aliás só Dottin cria certa. Ora bem, pois que o céltico antigo continua a ser um âmbito misterioso, não vejo as razões para tolher a busca nesse campo.

Rato, rata, e os outros ecos românicos e germânicos dos tipos *RATTU- e *RATTA, são de um território que ninguém negará coincidir com o do substrato céltico: România sem Roménia, germânico ocidental (e escandinavo do sul, influído por ele) e bretão.

Coromines era ceptico por serem anglicismos os homólogos gaélicos. Mas o neocéltico dista dous mil anos do céltico antigo. Só cabe contar o testemunho positivo do bretão *raz* (Vannes *rac'h*), que diz Coromines que acusa notável antiguidade e provável autoctonia.

Sugestiva distância cultural

A antiguidade brinda amiúde estranhas referências a estes roedores:

- a) Na Panónia, ilíria antes do séc. IV aC. e céltica depois, na beira do Danúbio, onde hoje está a vila húngara de Ács, houve um acampamento de auxiliares de nome *Ad Mures*.
- b) São Martinho de Dume surpreende-nos ao corrigir ao lavrador galeco por *venerar ratos e traças* (*mures et tineas veneratur*). Se os lavradores veneravam (= pediam desejos, cf. *Venerem venerāri*) é que nos ratos viam algo bom, que quadrava pedir.
- c) Paris, na época céltica, tinha um nome que se pode reconstruir, LUKOTÉTIĀ PARISION (César *Lutetia*, Estrabão Λουκοτοκία, Cláudio Ptolomeu Λουκοτεκία, *Mons Lucotetius* na tradição em baixo-latim). A etimologia mais persuasiva (não vulgar na França pelas dificuldades no imaginário coletivo) é ser participio passivo de um verbo denominativo feito do tema que documenta o neocéltico, *LUKOT- “rato” (gaélico *luch*, genit. *lochat*; galês *llyg*, *llygod-en*, córnico *logod-en*, bretão *logod-enn*, pl. *logod*). Significava “o gris”, nome que substituíra o velho, interdito pela numinosidade do animal, como o do urso em germânico, *bera* “pardo”. Logo significaria “a inçada de ratos”. É patente o incómodo moderno, mas tem explicação.
- d) Fora do mundo céltico há outras notas positivas ou ambíguas. Acompanhavam Afrodite em Ocidente. Na Índia, China e Japão julgavam-nos bons agoiros, sinal de abundância, a ideia do adágio “os ratos abandonam o navio a se afundar”. Não vê-los era agoiro de fome próxima. Na China ainda dizem que quando o rato rói está a contar dinheiro. No Sul chinês é o herói que trouxe o arroz.

Restos inconscientes da estima duram no canto da literatura e animação infantil: o rato é o pequeno astuto que burla e vence o seu inimigo, o gato. Tais insinuações pedem embrenhar-se na pesquisa semântica, onde talvez haja a nova luz que os dados atuais não brindam.

O nome indo-europeu comum do rato

Lat. *mūs*, *mūris*, gr. μῦς, μῦός, scr. *mūh* e germ. **mūs* apontam a um indo-europeu *MŪS, genitivo *MŪSOS ou *MŪSES, nominativo plural *MŪSES. A extensão dessas formas indo-europeias e a dura na Idade Média do hispano-românico *mur* propõem o céltico hespérico *MŪS, *MŪSOS. Se assim, *RATTU- e *RATTA seriam sinónimos ou substitutos dele.

¹¹ DCECeH, IV, *rata*.

O TT geminado nota a carga afetiva, ambígua, que o roedor suscita, mistura de medos e esperanças de bom agouro. A tensão afetiva provoca interdição do nome velho, substituído por outro, cf. germânico **berō*, que por razões similares substituiu o nome velho do urso. Partimos desta ideia na busca de um étimo céltico congruente com o conjunto dos dados.

****RĀTO-, *RĀTĀ e *RĀTI-***

No gaélico houve *ráth*, *ráith* m. e f. “garante; garantia”, e *ráth*, *ráith* m. e f. “terrapleno; baluarte”, parecidos com o étimo deduzido **RATTU-* e **RATTA*, mas longes na semântica. As duas formas recuam a **RĀTO-* e **RĀTI-*, reduzidas a unidade por Binchy.

RĀTO-* e **RĀTI-* está no nome velho de Estrasburgo, *Argentorate* e *Argentoratum* (ARGANTÓRĀTI* e **ARGANTÓRĀTON*). Não parece semanticamente relevante. Outro é o flutuar o dos temas em O e Ā; além do género feminino, o morfema Ā parece aumentativo nos exemplos antigos tal como no mais profundo léxico galego-português.

As duas foram uma

Para Binchy¹², *ráth*, *ráith* “terrapleno, defesa de terra” ven de “cautela defensiva, caução”. Opinião razoável que reduz a questão à semântica de **RĀTO-*, **RĀTĀ*, **RĀTI-* “garantia; garante”. Há um verbo denominativo aparentado, *ráthaigid* (< **RĀTAGETI?*) “percebe, cai na conta” e também “toma ou dá em garantia”. A sua primeira aceção será “entender” e a segunda “acautelar, caucionar”.

O paralelo mais próximo do atual processo semântico é o hispano-românico *percatar-precatar*, que não é outro que *catar* “entender” com o acréscimo de um *per-* intensivo. Em castelhano é “entender”, e também no português da Galiza a ele submetido. No português comum, apesar de durar ecos de “entender, cair na conta”, hoje no essencial é “acautelar, pôr de sobreaviso”, como transparece nas (par)etimologias que falsamente o vinculam com *precaver*, com o que nada tem.

Etimologia indo-europeia de *RĀTO- e *RĀTI- “garante; garantia”

**RĀTO-* e **RĀTI-* virão do indo-europeu **prōt-* (da raiz **pret-/ *prot-* “entender”, Pokorny 845), de momento só visto nos ramos germânico e céltico. O céltico tem o gaél. *ráth-ráith*, e quiçá o antigo bretão *rad*. O germânico mostra mais casos: góticos *frapi* n. “inteligência” e *frapian* “compreender”, islandês antigo *fróðr* “knowing, learned, well-informed”.

Conclusões

O roedor excita sentimentos ambíguos. É rival no consumo e a par sinal de prosperidade. Rodeiam-no medos e numinosidade. Um tabu parcial caiu no nome velho, conhecido mas tácito e ao cabo quase substituído por **RĀTOS* ou **RĀTIS* “garante; garantia”, quer dizer, “garante de colheita boa”. Este nome buscava propiciar a boa vontade e enervar os danos que sói produzir em silos e celeiros. Essa substituição era mais devota que outras a correr noutras zonas do domínio céltico, que simplesmente aludiam uma característica física do animal (“o gris”); procurava congraçá-lo.

A carga afetiva, supersticiosa, do nome geminou a oclusiva dental. Mais intensa era a carga com as espécies mais desenvolvidas e temidas. Daí o predomínio inicial do **RĀTĀ* aumentativo, claro nos primeiros textos românicos, todas de *rata*. Perante ela, **RĀTTOS* opunha-se melhor para nomear os roedores pequenos, o que acabou por acantoar **RĀTTIS*.

¹² Binchy, Daniel Anthony, *Indo-European and Indo-Europeans*, Universidade de Pennsylvania, 1970, p. 360.

SARNA

Isorna

Desde o topónimo *Isorna*, a meu ver do célt. *ĪSARNON “ferro”, enxergamos outros rastros românicos. *ĪSARNON “ferro”, que passou ao germ. *īsarnam com a arte, mostra o peso da tecnologia céltica. Os celtas difundiram o ferro por Europa e mesmo chegaram a fabricar aço artesanal. *Isorna* é o seu rasto galego.

A raiz indo-europeia é *eis- “paixão; agitar violentamente” (Pokorny 299), que aqui fala de “minério apaixonado, forte”. *Isorna* foi *ĪSARNĀ “férrea; ferreira”; o único ponto a explicar é a labialização da tónica, que em céltico aí flutuava entre A e E, com pendor para o A. A mudança virá do sintagma *(SKAURIĀ) ĪSARNĀ “escória férrea”. O prof. Coromines mostrou *escória* vir do célt. *SKAURIĀ, com rastros em latim e basco, e pronto passado ao grego (Aristóteles) talvez do hispano-celta e mudado em σκωρία sob o influxo de σκώρ, σκατός “excremento”, do qual ao certo não pode vir. Os latinos seguiram os gregos¹³. Na Galiza a superestrutura helenizante foi esmagadora; fez muitos crer serem netos de gregos. *SKAURIĀ ĪSARNĀ passaria a *SCŌRIA ĪSŌRNA, com assimilação e harmonização na segunda voz.

Sarna

A vil *sarna* também vem de *ĪSARNĀ “(escória) férrea”, assimilada a escoriações morbosas. Coromines vira os dados, mas não tirou a consequência. Provara ter sido “escória férrea” (basco), depois “serradura” (gascão e catalão), ao cabo “caspa, escoriações; afeção cutânea” (S. Isidoro). A aparente distância semântica não era tal. O ferro sempre sofre forte polarização valorativa. É o mais poderoso, com notas de impureza terrível pela arcaica associação ao sangue: na cor do minério nativo e na cor do sangue real que o ferro das armas derrama. Fundição e forjadura do ferro era uma operação terrivelmente mágica, que do ferro separava o melhor e o pior. *Escória* é sinónimo de *vil* e *ínfimo*. Com *sarna* acontece o mesmo.

A elisão do I- inicial

A elisão do chamado I “móbil”, atribuída em geral a iberos e bascos, imiscuiu-se tardiamente. O lídimo I “móbil” era na verdade o neutro de um demonstrativo fraco, talvez já artigo, frequente no hispano-céltico¹⁴. Eis *Itucci*, gr. Τύκκε (Martos, em Jaém), em zona ibera, onde o céltico era língua franca. É muito abundante na Bética e temo-lo estudado a propósito de *Hispalis*, *Hispânia*, *ibex*, etc. Sem embargo, aqui não se trata disso. O étimo tinha I longo inicial pertencente à raiz, mas o crepúsculo do céltico seria interpretado como uma prótese desse pronome ou artigo, e logo desagregado.

¹³ Na baixa latinidade, já perdida a quantidade, haveria nova paretimologia com *excoriare*, de *corium* “coiro”, pois que semanticamente pronto *sarna* passou de “escória” a “caspa, escoriação”.

¹⁴ IS masculino-feminino ou animado, I neutro ou inanimado.

ETIMOLOGIA DE TEIMA

Teima é um celtismo disfarçado de helénico. Os dados estão em Coromines (DCECeH, *tesis* e *taimado*), mas ele não podia deter-se numa questão ensarilhada que o tirava do seu labor principal. Sói dar-se-lhe o étimo greco-latino *thema*, *thematis*, de semântica possível: “tema de conversa” > “debate escolástico” > “discussão obstinada” > “pertinácia; ideia fixa”. Tão claro que magoa objetar, mas há estorvos:

a) A via semântica, chave da etimologia, só prova o cruzamento paretimológico real do étimo, decerto ignoto, com o *thema*, *-atis* dos estudantes, qual em *rima* e o suposto étimo *rhythmus*. De “tema de conversa” a “ideia fixa” medeia grã trecho.

b) O câmbio de género: *thema*, *-atis* é neutro, e devia passar a masculino, como no erudito *tema*, que ao ser outra palavra aqui não conta. O feminino não se explica.

c) O iode insólito, que não cabe despachar com apelo a um cruzamento qualquer.

A desinência *-eima*

É desinência patrimonial conhecida –pouco–, aparentada com a latina de *crimen*, *criminis*, quer dizer, a indo-europeia **-sm̥n-*, de abstratos e coletivos. *Crime*, *nome*, *vime*, têm a versão latina *singular*. Um poucas palavras, as mais dicionarizadas só em português, vêm do plural: *guloseima*, *boleima*, *toleima*. Só *guloseima* é românico claro: **gulosamine-* (ou românico *guloso* + *-eima*), pelo percurso **-âmene-* > *-âmêe* > *-âmia* (atração do feminino) > *-eima*, por metátese e inflexão vocálica.

Boleima e *toleima* parecem célticos. *Toleima* é claro: Coromines tira *tolo* do adj. célt. **TULLO-* “vazio”, subst. *TULLOS* “buraco” (**s-teu-k-* Pokorny 1032). Logo seria “vazio de miolos”. *Toleima* virá de **TULLESMENA* “as cousas do vazio de miolos”. De *toleima* é deturpação *tolémia*, frequente no galego moderno. Deturpação secundária e recente, como a de *chúvia* a respeito de *chuiva*.

Boleima é: a) “bolo grosseiro” e b) “pessoa desprezível, sem préstimo; palerma, indolente”. Este será o valor original; o de “bolo”, uma paretimologia. Seria **WOLLESMENA* “as cousas do que aparece inferior”, indo-europeu **upollo-sm̥n-*, com geminação expressiva no adjetivo **upolo-* (cf. *Bolo* < **WOLLON* “país de abaixo”).

O brevíssimo radical

Em *-eima* já focado o iode (e o género feminino, vindo do plural neutro), ora cumpre ver o radical, breve demais: *t(e)-*. Felizmente, a tradição gaélica orienta no caminho através das trevas. O gaél. ant. *teinm* “mastigação; quebrar com os dentes” foi o célt. ant. **TENSMENA* “mastigações”, do ie. **tend-smen-*, da raiz **tem-* “cortar” com acréscimo *-d-*, cf. lat. *tondeo* “rapar; tosquiar”. O processo regular foi: **TENSMENA* > **tesmena* > **têmmena* > **têmêa* > *teima*. É semântica mais persuasiva. A *teima*, antes que discussão fanática, é um remoer na psique, consciente ou não.

Perspetivas

Um milagre salva o perdido para sempre, e abre perspectivas. A frase a guardar a voz, *teinm laido*, T. F. O'Rahilly verteu-a razoavelmente: “mastigação da medula ou tutano”, um dos usos divinatórios interditos por S. Patrício, cf. o bispo-rei Cormac. O adivinhar, busca intuitiva no psiquismo inconsciente, não se vedava; autorizara outras técnicas. Proibira a *teinm laido* por incluir cogumelos alucinógenos (enteogénicos para os micólogos). “Osso” e “tutano do osso” são metáforas sibilinas e a par corriqueiras dos cogumelos, com paralelos etnográficos.

TOUÇA

Em Portugal definem “vergôntea de castanheiro para arco de pipas”, “vara longa de planta ou árvore”, “parte duma planta, sobretudo árvore, que abrange as bases do caule e da raiz”, “pé de cana de açúcar”, “mata de castanheiros” e “mouta”. Aparece no séc. XVI. Hoje abunda *toiça*, de ditongo mudado. No Brasil, como era previsível, domina a aceção mais arcaica, “mouta”.

Também é arcaica nas falas galegas. No séc. XVIII regista-a Sarmiento como “bosque, nomeadamente espesso”, “bouça cercada” e “lã, pelo, cabelo, topete”. O de “souto espesso” será o primitivo, e dela viriam “bosque cercado” e a metáfora “grenha”. Nos sécs. XIX e XX amiúdam os léxicos que recolhem a aceção “arvoreda de madeira nova para arcos de pipas” (Rodríguez, Ibáñez, Eládio R. González, Carré), que parece misturar “arvoreda, bosque” com “vergôntea”. A par dessa, a de “bosque, sobretudo de carvalhos” abunda no séc. XX em autores que recolheram no campo (Aníbal Otero, R. González, Elígio Ribas e Constantino Garcia). Deles surge a de “bosque, nomeadamente de carvalhos” como mais consistente.

Trás a etimologia

Sem explicações árabes, germânicas ou latinas, costuma dar-se-lhe origem pré-romana. Mas nem vi estudos que passem além da reconstrução do étimo, nem se tem conjeturado a língua de procedência. Em geral, os autores propõem *TAUCIA, bem que Meyer-Lübke tenha preferido *TAUTIA. Coromines, na entrada *atocha* do seu DCECeH, prefere *TAUCIA, mas desenvolve depois razões que o descartam.

Para etimologizar cumpre discernir a aceção mais antiga. Se atino na aceção “bosque”, quadra buscar no céltico hespérico uma base léxica verossímil e congruente. Sabe-se que o ditongo EU indo-europeu e céltico comum, no primeiros séculos da era começava a velarizar-se em todas as partes. No céltico hespérico final, já virara de todo para OU. É um dado claro, mas a clareza já não é tanta ao querer saber como passou ao baixo-latim ou ao românico incipiente. A resposta varia conforme a época da passagem. O latim imperial e baixo não tinha ditongo OU. Segundo o contexto, as palavras autóctones com OU entravam ao latim com EU ou com AU. Há predomínio deste nos séculos da 2ª metade do milénio primeiro. No território de origem do galego-português, o ditongo OU céltico permanecia ao romanizar-se.

É logo inexato propor os étimos *TAUTIA ou *TAUCIA. Na língua calaica já não havia EU, que passara a OU, nem talvez AU, ao menos fonologicamente. Deve reconstruir-se *TOUTIA ou *TOUCIA. A meu ver cumpre propor o céltico final *TOUTIA, vindo do célt. ant. *TEUTIĀ. O valor seria “tribal, da tribo” ou “comunal, de propriedade comum da tribo”, o que acorda bem com o que se sabe das condições dos territórios periféricos naqueles tempos, comumente desabitados.